



**SOCIEDADE  
CRISE E RECONFIGURAÇÕES**

# **VII CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA**

**19 a 22 Junho 2012**

**Universidade do Porto - Faculdade de Letras - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação**

---

ÁREA TEMÁTICA: Sociologia do Desporto

---

**ENTRE A DEFESA E O ATAQUE, OS IMIGRANTES DO FUTEBOL PORTUGUÊS**

---

NOLASCO, Carlos

Mestre em Sociologia

Instituto Piaget / Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra

[cmsnolasco@gmail.com](mailto:cmsnolasco@gmail.com)

---



### **Resumo**

Num fenómeno que não é novo mas que se intensificou nas últimas épocas, o futebol português, em particular o campeonato nacional, passou a ter mais jogadores estrangeiros que jogadores nacionais, tornando-se Portugal um dos países europeus onde este processo se tornou mais evidente. A presente comunicação visa caracterizar o fluxo imigratório do futebol português, determinando o volume, a origem, as reações e consequências desse processo, considerando ainda que este fenómeno é determinado por dinâmicas de globalização Esta análise terá em consideração as épocas futebolísticas mais recentes.

### **Abstract**

In a phenomenon that is not new but which has intensified in recent times, the Portuguese football, in particular the national championship has now more foreign players than national. Portugal became one of the European countries where this process has become more evident. This Communication aims to characterize the flow of immigrants of Portuguese football, determining the volume, origin, reactions and consequences of this process, and considering that this phenomenon is determined by the dynamics of globalization. This analysis will take into account the most recent football season.

Palavras-chave: Futebol, Migrações, Globalização

Keywords: Football, Migrations, Globalization

**PAP0775**



## 1. Introdução

Num processo que não é novo, mas que se intensificou nos últimos anos, o futebol internacional tem manifestado uma dinâmica global de forte competição pela procura de jogadores com características físicas, técnicas e táticas capazes de materializar em vitórias a ambição dos clubes, adeptos e patrocinadores. Em distintas escalas, essa procura desencadeou um intenso processo migratório internacional caracterizado, sobretudo, pela sua complexidade assente, em grande parte, na diversidade de origens e destinos migratórios. A observação dos plantéis dos principais clubes europeus, muitos deles constituídos, quase exclusivamente, por jogadores estrangeiros, é reveladora da importância que assume a migração internacional de futebolistas, sendo reflexo de uma cultura desportiva na qual o trabalho atlético atravessa fronteiras políticas, culturais, étnicas, e económicas.

Também em Portugal os futebolistas estrangeiros são parte integrante e relevante do cenário futebolístico. Nomes anónimos ou mediáticos, os futebolistas estrangeiros representam mais de metade da totalidade dos jogadores da Primeira Liga, sendo que há clubes nos quais os jogadores nacionais ocupam um lugar meramente residual. Se para alguns protagonistas do futebol português esta é uma consequência inevitável do funcionamento das leis de oferta e procura do mercado futebolístico, outros apelam a uma atitude defensiva invocando que os futebolistas estrangeiros retiram espaço laboral aos jogadores nacionais.

A presente comunicação visa caracterizar o fluxo imigratório do futebol português, determinando o volume, a origem, as reações e consequências desse processo, considerando ainda que este fenómeno é determinado por dinâmicas de globalização bem como por especificidade da sociedade portuguesa. Esta análise terá em consideração as épocas futebolísticas mais recentes.

## 2. Enquadramento teórico

A migração de trabalho desportivo, enquanto domínio de investigação no campo das Ciências Sociais, constitui-se como área recente cujo trabalho se desenvolveu essencialmente nos últimos 25 anos (Takahashi & Horne, 2011, p.46). A crescente captação de atletas estrangeiros por parte de instituições universitárias de países centrais do sistema mundo, a intensificação da presença de jogadores estrangeiros em plantéis de equipas de outras nacionalidades, e ainda o aumento de processos de naturalização destes trabalhadores desportivos para efeitos de representação de equipas nacionais, chamaram a atenção para uma realidade que sendo constatada, era praticamente ignorada como tema sociológico.

As primeiras referências não acidentais à mobilidade de atletas e a sua interpretação como movimentos migratórios foram desenvolvidas no âmbito da geografia, através do americano John Rooney e do britânico John Bale. Com o trabalho pioneiro destes autores, em particular o de John Bale (1991) que aborda os processos migratórios de atletas no contexto da globalização e das dinâmicas capitalistas internacionais, há a identificação das migrações desportivas como um novo fluxo migratório.

Em 1994 é publicado *The Global Sports Arena: athletic talent migration in an interdependent world*, obra organizada e editada por John Bale e Joseph Maguire. Este livro virá a constituir-se como a grande referência na abordagem das migrações de trabalho desportivo, entre várias razões porque reúne o contributo de autores que abordam o fenómeno desde distintas perspetivas disciplinares, observam as migrações em diversas modalidades desportivas, diferentes espaços e escalas geográficas, mas essencialmente porque afirmam as migrações desportivas como um segmento das migrações contemporâneas determinado pelas tendências de globalização desportiva (Bale & Maguire, 1994, p. 5). Nesta perspetiva as migrações de trabalho desportivo

ocorrem na sequência da industrialização e mercadorização do desporto, bem como da constituição de um sistema desportivo global, o qual, por sua vez se encontra inserido no mais abrangente processo de globalização. Segundo os autores, o progressivo aumento de agências internacionais, o desenvolvimento de formas de comunicação global, o exacerbar da concorrência económica à escala planetária, bem com o desenvolvimento de formas de direito e cidadania que se uniformizam e normalizam a nível internacional, têm consequências no desporto, nomeadamente com a criação de organizações desportivas internacionais, a standardização e universalização das regras das várias modalidades, o incremento da competição individual, nacional e internacional, e a criação de mega eventos desportivos globais, sendo que todos estes factores promovem a mobilidade e circulação migratória de atletas. Assim, as migrações desportivas estão intimamente associadas às paisagens globais sugeridas por Appadurai (1990), sendo no âmbito das *ethnoscape* que a mobilidade de atletas, jogadores, treinadores e outros profissionais ligados ao desporto adquire mais significado.

Desde *The Global Sport Arena*, em 1994, a temática das migrações enriqueceu-se com novas abordagens e desenvolveu-se em múltiplas direcções: identificou os desportos que estão mais envolvidos nos processos migratórios; analisou como as distintas modalidades desportivas são afectadas pelas migrações de atletas; sinalizou os padrões e modelos globais de migrações desportivas; avaliou a influência que as migrações desportivas têm nos adeptos, nomeadamente na percepção dos desportos que consomem e nas relações identitárias; descreveu os impactos que os fluxos migratórios de atletas têm nos países de origem e nos países de destino; entendeu a dinâmica que converte os atletas profissionais em trabalhadores migrantes; descreveu a experiência dos atletas ao longo da jornada migratória; percebeu a forma como estes movimentos migratórios refletem ou reproduzem os movimentos migratórios de mão-de-obra altamente qualificada; e finalmente, identificou as implicações que estas migrações têm na política desportiva de um país, ou de forma mais ampla, na política migratória dos Estados (Maguire&Falcous, 2011, p. 1).

Toda a análise das migrações de trabalho desportivo tem sido feita, essencialmente, por intermédio da teoria do sistema-mundo de Wallerstein, em que os processos migratórios de trabalho desportivo são conceptualizados como um movimento de trabalho desportivo da periferia para o centro (Magee&Sugden, 2002; Taylor, 2006), havendo uma fuga de músculos ou um *muscle drain* que penaliza a periferia em benefício do centro. Em complementaridade há uma leitura a partir da teoria das vantagens comparativas, que considera a existência de espaços geográficos especializados na produção de atletas os quais têm uma vantagem comparativa ou relativa, por relação para a outros espaços que importam esses atletas, constituindo-se assim como área privilegiada de origem de jogadores nos processos migratórios.

Apesar do volume crescente de produção teórica e empírica sobre as migrações de trabalho desportivo, a investigação desenvolvida encontra-se numa fase incipiente, em que se têm feito abordagens superficiais e limitadas (Maguire, 2004, p. 477; Elliott & Maguire, 2008), em que as respostas obtidas não permitem ainda conclusões seguras (Maguire&Falcous, 2011, p. 2).

O aumento do volume dos trabalhos das migrações de trabalho desportivo incidiu em várias modalidades, sendo contudo o futebol a modalidade desportiva que mais investigação concentrou, o que não é de estranhar tendo em consideração a dimensão global e o impacto mediático do futebol.

### **3. Jogadores estrangeiros no futebol português**

Não é possível nomear qual o primeiro jogador estrangeiro do futebol português porque as origens do jogo e a forma como se implantou no país, foram determinadas por estrangeiros, em particular britânicos, que jogavam em clubes próprios ou integravam clubes de portugueses.

Contudo é possível assinalar o primeiro estrangeiro a ser especificamente contratado para jogar no futebol nacional. Foi Mihaly Siska, de nacionalidade húngara, contratado em 1924 ao Vasas de Budapeste pelo FC Porto. Contratação polémica por na altura se considerar não haver glória em vencer com um jogador profissional e estrangeiro, e Siska veio auferir um salário mensal de 1000 escudos, apesar de se assumir

como mecânico (Coelho & Pinheiro, 2002, p. 219).<sup>ii</sup>Em 1926 chegava ao futebol português outro húngaro, Joseph Szabo, que fez carreira como jogador e treinador.

Em 1935 são contratados os primeiros brasileiros pelo Sporting. Destes, apenas Martins Viana, se conseguiu impor, sendo transferido no ano seguinte para o FC Porto, tendo sido pagos ao Sporting 7 contos pela sua carta de desobrigação.

Em 1953 chega a Lisboa, para jogar pelo Sporting, o congolês Leon Mokuna, que aí permaneceu por duas épocas antes de ser transferido para o Gent da Bélgica. Foi o primeiro jogador africano, não originário das colónias portuguesas a representar uma equipa em Portugal.

Pelos anos 70 começam a ser contratados jogadores de referência internacional. O primeiro foi o argentino Yazalde, contratado em 1971 pelo Sporting, seguido do peruano Cubillas para jogar no FC Porto em 1974. Para que o Benfica contratasse o primeiro estrangeiro foi necessário que, em Julho de 1978 uma assembleia-geral extraordinária alterasse os estatutos do clube. Assim, em 1979, o Benfica contratou o brasileiro Jorge Gomes (Coelho & Pinheiro, 2002, p. 534). A partir desse momento os jogadores imigrados sucedem-se numa lista exaustiva na qual a memória retém alguns nomes: Zoran Filipovic, Stromberg, Manniche, Negrete, Paulinho Cascavel, Madjer, Mlynarczyk, Balakov, Geraldão, Valdo, Yuran, Kostadinov, Mozer, Isaias, Timofte, Acosta, Jardel, Mladenov, Naybet, Abazi, Erwin Sánchez, Caniggia, Peter Schmeichel, Preud'Homme. A par destes nomes sonantes e mediáticos, foram chegando a Portugal muitos outros jogadores anónimos para representar clubes discretos, dos quais poucas ou nenhuma lembranças restam.

Importa ainda referir que, num registo distinto das convencionais migrações internacionais, por ocorrer dentro duma relação colonial, os fluxos migratórios de jogadores das colónias africanas. Em face do desenvolvimento do futebol nas colónias africanas portuguesas, os clubes da metrópole, a partir dos anos 30, começam a estar atentos e a interessar-se por alguns desses jogadores (Darby, 2006, p. 425). “Viroscas” chega em 1934, Guilherme Espírito Santo em 1936, Fernando Peyroteo em 1937, Miguel Arcaño em 1948, Matateu em 1951 (Serrado, 2010, p. 281). Provenientes especialmente de Angola e Moçambique os nomes sucedem-se: Mário Wilson, Juca, Hilário, Águas, Costa Pereira, Mário Coluna, Vicente, e Eusébio, de todos o mais famoso e considerado dos melhores jogadores de sempre. Imigrantes de um processo colonial, muitos destes jogadores chegaram a representar a selecção nacional portuguesa, sendo em algumas circunstâncias instrumentalizados em proveito do Estado como símbolo do colonialismo ideal (Santos, 2004, p. 82).

#### **4. Breve referência metodológica**

Os dados que se apresentam nesta comunicação são relativos ao número de jogadores dos plantéis das equipas que nas épocas futebolísticas de 1990/91, 1995/96, 2000/01, 2005/06 e 2010/11 disputaram o campeonato nacional da primeira divisão<sup>iii</sup>. Até à época de 2005/06 os dados são recenseados através do cruzamento de 2 fontes: o website ZeroZero<sup>iv</sup> e os Cadernos do jornal “A Bola” das épocas referidas. Os dados relativos à época de 2010/11 resultam do cruzamento de 3 fontes: o website da Liga Portuguesa de Futebol Profissional (LPFP),<sup>v</sup> os websites oficiais de cada um dos 16 clubes participantes na competição e o website ZeroZero.

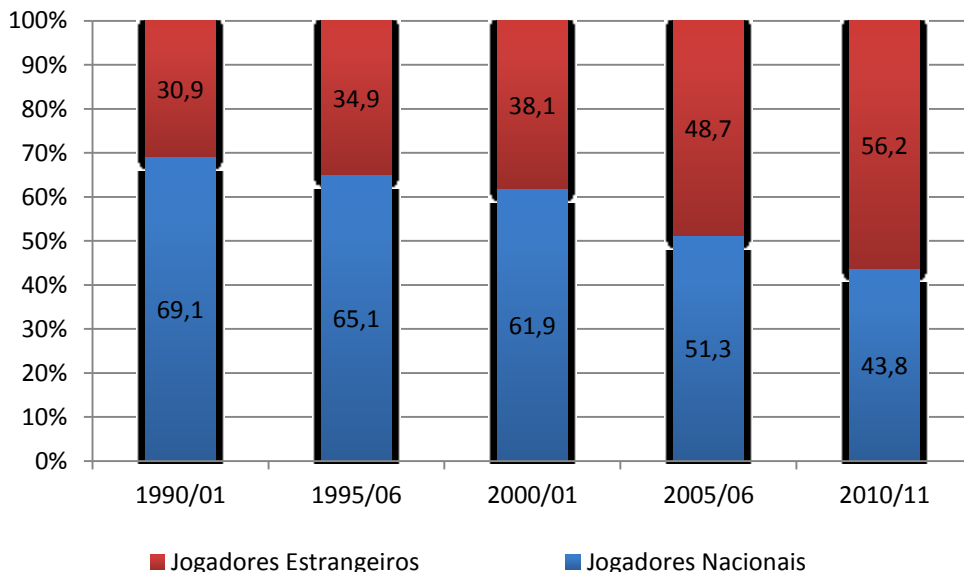
A comparação entre as fontes revela uma discrepância no número de jogadores inscritos em cada um dos clubes. Esta situação resulta do facto de algumas fontes considerarem todos os jogadores formalmente inscritos pelos clubes, sendo que alguns desses jogadores não fazem efetivamente parte do grupo de trabalho, nomeadamente por serem jogadores sub-19, estando referenciados apenas para suprir possíveis carências momentâneas dos plantéis. Os dados aqui apresentados são relativos aos plantéis reais e não aos plantéis formais, ou seja, resultam da contabilização dos jogadores que ao longo de uma época trabalharam efetivamente nas equipas em questão.

#### **5. A presença dos jogadores estrangeiros em Portugal**

Nos 20 anos que medeiam entre a época de 1990/91 e a de 2010/11, o volume de jogadores estrangeiros no campeonato nacional da 1ª Divisão aumentou significativamente, passando de um valor absoluto de 166 para 278 jogadores. Progressivamente, a relação do volume entre jogadores nacionais e estrangeiros foi-se invertendo. Se em 1990/91 os jogadores nacionais representavam 69% da totalidade dos jogadores no Campeonato Nacional, em 2005/2006 os jogadores nacionais eram ainda em número ligeiramente superior aos estrangeiros, sendo que em 2010/11 os jogadores estrangeiros inverteram a posição, tornando-se maioritários.

**Gráfico 1**

**Relação entre o número de jogadores nacionais e estrangeiros, por época**



Por consequência também a média de jogadores estrangeiros por equipa aumentou.<sup>vi</sup> Na época 1990/91, os plantéis dos clubes eram constituídos em média por 27 jogadores, sendo 8 estrangeiros e 19 portugueses, variando estes valores entre os 12 estrangeiros do Braga e os 2 do Penafiel. Progressivamente estes valores evoluíram para uma presença mais expressiva dos jogadores estrangeiros nos clubes. Em 1995/96 os clubes tinham em média 10 futebolistas estrangeiros nos seus plantéis. Em 2000/01 essa média era de 12 jogadores, em 2005/06 de 16, e em 2010/11 a média era de 17 estrangeiros por clube. Nesta última época, a expressão dos jogadores estrangeiros por clube variou entre 25,9% de estrangeiros do Rio Ave, ou o Beira Mar com 42%, e os 71,9% de estrangeiros do Marítimo, ou os 69% de estrangeiros do Benfica.

Na final da Liga Europa da época de 2010/11 disputada entre o FC Porto e o Sporting de Braga, dos 22 jogadores titulares de ambas as equipas, 14 eram estrangeiros, o que ilustra o peso que destes futebolistas nos plantéis dos clubes nacionais.

Este crescendo de jogadores estrangeiros no futebol português não constitui exceção no panorama do futebol internacional, em particular do Europeu. Em virtude da liberalização dos mercados de transferências decorrente do caso Bosman, entre 1995 e 2000 a percentagem de futebolistas estrangeiros nos clubes das cinco principais ligas europeias passou de 18,6% para 35,6%, e numa dinâmica que não sofreu qualquer interrupção, na época de 2008/09 a percentagem de estrangeiros era de 42,6% (Polí & Besson, 2011, p. 15).

Se atendermos na origem geográfica dos jogadores estrangeiros (gráfico2), facilmente se constata que estes são maioritariamente provenientes de países da confederação sul-americana de futebol. Os jogadores oriundos de países africanos e europeus têm sensivelmente a mesma expressão estatística no futebol nacional, verificando-se uma tendência de diminuição dos jogadores oriundos destas proveniências. Os

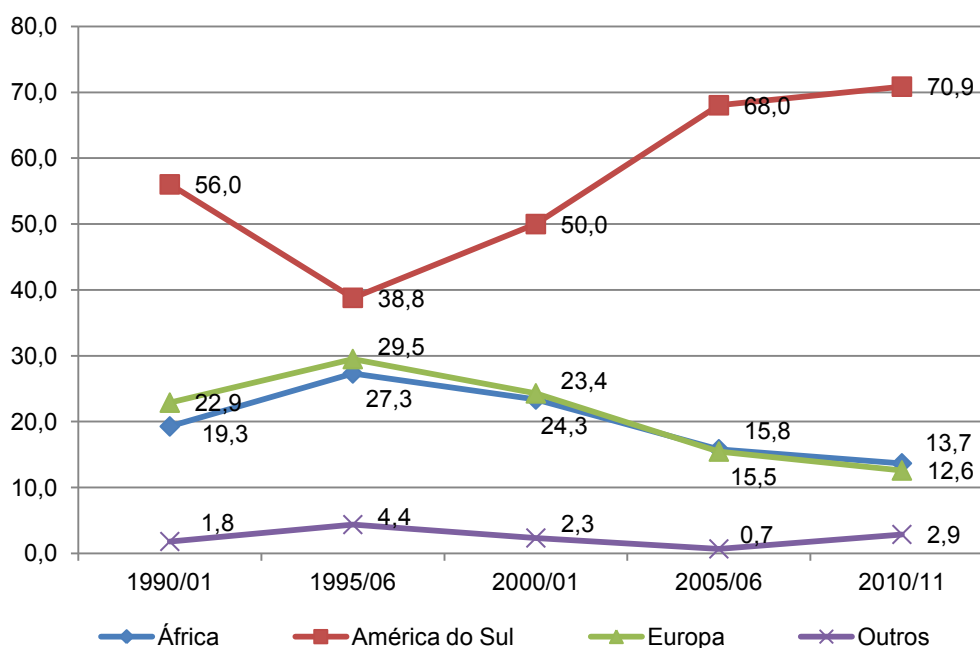


jogadores de países das confederações da América do Norte e Caribe, Ásia e Oceânia têm uma expressão residual na totalidade dos jogadores estrangeiros.

Segundo Poli e Besson (2011,p. 15), o aumento do número de jogadores estrangeiros não europeus, deve-se ao facto destes beneficiarem das quotas para estrangeiros que entretanto ficaram totalmente disponíveis quando os jogadores europeus deixaram de ser considerados como estrangeiros. Desta forma, o processo Bosman favoreceu essencialmente os futebolistas sul-americanos, muitos deles detentores de passaportes europeus, nomeadamente portugueses, espanhóis e italianos.

Gráfico 2

**Origem geográfica dos jogadores estrangeiros no Campeonato Nacional, por época**



Concomitante com o aumento do número de jogadores estrangeiros é o aumento da diversidade de nacionalidades presentes no futebol nacional. Em 1990/91 havia jogadores provenientes de 29 nacionalidades, tendo este valor aumentado para 38 na época de 1995/96, para 46 em 2000/01, verificando-se uma diminuição para 37 em 2005/06, voltando a aumentar para 43 nacionalidades em 2010/11. Se algumas destas nacionalidades são referências habituais do universo futebolístico, como sejam o Brasil, Argentina, Sérvia, França, Costa do Marfim ou Marrocos, outros nomes são inusitados, nomeadamente a Austrália, Suriname, Gabão ou Trinidad e Tobago.

A referência à pluralidade de nacionalidades remete para uma imagem cosmopolita do futebol nacional. Contudo uma observação mais atenta da expressão percentual das nacionalidades representadas no futebol nacional (quadro 1) permite constatar que a esmagadora maioria dos jogadores estrangeiros são brasileiros, ficando as outras nacionalidades representadas por um número reduzido de atletas. A maioria dos países têm apenas um jogador a representá-los.

A posição dominante dos jogadores brasileiros no futebol português não é propriamente uma exceção na medida em que os futebolistas brasileiros têm uma posição de supremacia no futebol mundial, integrando equipas em torneios por todo o mundo. O Brasil é o país que no mundo mais jogadores “exporta”, sendo que em 2009 haviam 1017 brasileiros a representar clubes estrangeiros.<sup>vii</sup> Por outro lado há laços históricos entre Portugal e o Brasil, reforçados por uma intensa relação cultural, por uma língua comum, contribuindo para

que o futebol nacional se constitua como o principal destino do processo migratório dos futebolistas brasileiros (Poli, 2009).

### Quadro 1

#### Expressão percentual das nacionalidades mais representadas no Campeonato Nacional, por época

| 1990/91    |      | 1995/96    |      | 2000/01    |      | 2005/06    |      | 2010/11   |      |
|------------|------|------------|------|------------|------|------------|------|-----------|------|
| Brasil     | 54,2 | Brasil     | 35,0 | Brasil     | 40,7 | Brasil     | 61,5 | Brasil    | 59,7 |
| Jugoslávia | 8,4  | Jugoslávia | 9,8  | Angola     | 7,0  | França     | 5,5  | Argentina | 4,3  |
| Bulgária   | 7,2  | Angola     | 9,3  | Cabo Verde | 6,5  | Argentina  | 5,2  | França    | 4,3  |
| Zaire      | 4,2  | Marrocos   | 3,8  | Espanha    | 6,5  | Angola     | 2,7  | Senegal   | 2,9  |
| Angola     | 3,6  | Bulgária   | 3,3  | Sérvia     | 2,8  | Cabo Verde | 2,7  | Uruguai   | 1,8  |

A expressão dos futebolistas brasileiros no futebol português é de tal forma grande que nas épocas de 2005/06 e 2010/11 houve clubes em cujos plantéis os jogadores canarinhos eram em maior quantidade do que os jogadores portugueses.

O quadro 1 permite ainda verificar outras tendências. Por exemplo, a presença de Angola entre os cinco países com mais jogadores representados entre 1990/91 e 2005/06. Também Cabo Verde está entre os países com mais jogadores nas épocas de 2000/01 e 2005/06. Moçambique e Guiné-Bissau, ainda que com números menores, têm igualmente presença no futebol nacional. Como que uma continuidade do lastro colonial, os jogadores dos países africanos de língua oficial portuguesa estiveram sempre presentes no futebol nacional. Se em 1995/06 estes jogadores representavam 16,4% do total de estrangeiros, na época de 2010/11 esse número diminuiu para 3,6%, podendo esta circunstância ser interpretada pelo processo de aquisição de dupla nacionalidade de muitos destes jogadores e a consequente diluição entre os futebolistas nacionais.

É importante assinalar a importância que os futebolistas jugoslavos tiveram no futebol português no início e meados dos anos 90. Na sequência da guerra civil que conduziu à desagregação da Jugoslávia, entre 1991 e 1995, muitos dos futebolistas deste território fugiram do conflito tendo sido contratados por clubes um pouco por toda a Europa. Futebolistas tecnicamente evoluídos, contratados por valores reduzidos, corresponderam perfeitamente às expectativas e ambições dos clubes portugueses.

A presença desta legião de jogadores estrangeiros em Portugal é intensamente criticada e vista como algo de negativo. Em 2011, o Presidente da República questionava-se publicamente sobre o que havia de errado com o futebol português para que mais de metade dos jogadores do campeonato nacional fossem estrangeiros.<sup>viii</sup> O Presidente do Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol, por sua vez afirma que o número de jogadores estrangeiros no país revela “uma chocante realidade, a da aposta maciça em jogadores estrangeiros e de um inexplicável desprezo pelo talento nacional” (SJPF, 2009, p. 2). No final de 2011, num relatório solicitado pela Presidência do Conselho de Ministros, onde participaram alguns dos principais responsáveis do desporto português, afirmava-se que a defesa dos jovens jogadores nacionais e das seleções nacionais teria de ser feita através de medidas restritivas à contratação de jogadores estrangeiros, pois estes limitavam as possibilidades de competição dos jogadores nacionais (Grupo de Trabalho, 2011).

Numa posição diametralmente oposta, dirigentes e técnicos argumentam que a conversão do jogo de futebol num elemento da economia neoliberal e numa das mais importantes paisagens da globalização torna a dicotomia entre jogadores nacionais e estrangeiros quase irrelevante, num contexto em que adeptos, treinadores e clubes ambicionam vitórias e os patrocinadores e investidores pretendem rentabilizar investimentos. Numa ponderação entre preço e qualidade, os clubes e treinadores optam por jogadores que

lhes dão garantidas de competitividade, e que possam posteriormente ser rentabilizados no mercado de transferências, independentemente da nacionalidade dos mesmos.

## 6. Observações finais

O futebol português, nos últimos anos, foi destino de um intenso processo imigratório, que de forma progressiva se foi intensificando. Em consequência, no campeonato nacional, os jogadores estrangeiros são atualmente em número superior aos jogadores portugueses, sendo os futebolistas brasileiros os mais numerosos deste contingente.

A significativa presença de jogadores estrangeiros em Portugal é consequência da inserção do futebol português na arena desportiva global, e da participação do intenso fluxo de migratório internacional de futebolistas. São vários os motivos que contribuíram para todo este processo: a liberalização do mercado de transferências de jogadores na sequência do caso Bosman; a reorganização das competições europeias de clubes, em concreto a Champions League e a Liga Europa, com elevados índices de competitividade; a mercantilização dos jogos de futebol através das transmissões televisivas; a conversão dos clubes em sociedades anónimas com a consequente necessidade de rentabilização dos jogadores no mercado futebolístico. De forma direta ou indireta, estas são as razões que alimentam as migrações de futebolistas.

Contudo, as circunstâncias económicas não podem ser exclusivamente invocadas para justificar as tendências destes fluxos migratórios, havendo outros fatores, nomeadamente culturais que interferem em todo este processo. A massiva presença de futebolistas brasileiros em Portugal parece justificar uma abordagem relacional que vai para além dum modelo estático “centro/periferia”.

Os dados apresentados, em particular do intenso fluxo migratório sul-americano, deixam também perceber uma divisão internacional do trabalho, neste caso do trabalho futebolístico. Apesar da Europa ser um importante centro de formação de futebolistas, é essencialmente espaço de consumo de futebol, permitindo que outros espaços se especializem na produção de jogadores através de uma rentável relação qualidade/preço. Desde esta perspetiva, a teoria das vantagens comparativas parece aplicar-se perfeitamente ao futebol.

Portugal surge neste contexto com uma posição algo paradoxal, porque se constitui simultaneamente como país de destino imigratório e país de origem emigratório (Nolasco, 2010). Se são muitos os futebolistas estrangeiros em Portugal, também são muitos os futebolistas portugueses no estrangeiro. A posição dos futebolistas estrangeiros em Portugal joga-se neste paradoxo, entre a defesa dos jogadores nacionais e o ataque das lógicas de mercado. Entre posições de conservadorismo protecionista, onde se apela a valores de identidade nacional, e posições liberais que obedecem a imperativos de transferências de jogadores. Entre a defesa e o ataque, o resultado do jogo das migrações de futebolistas parece ser favorável aos futebolistas estrangeiros.

## Bibliografia

- Appadurai, A. (1990). Disjuncture and difference in the global culture economy. *Theory, Culture, and Society*. 7, pp. 295-310.
- Bale, J. & Maguire, J. (orgs.) (1994). *The global Sports Arena: athletic talent migration in an interdependent world*. Londres: Frank Cass.
- Bale, J. (1991). *The brawn drain: foreign student-athletes in American Universities*. Chicago: University of Illinois Press.
- Coelho, J. & Pinheiro, F. (2002). *A Paixão do Povo: História do Futebol em Portugal*, Porto: Edições Afrontamento.

- Darby, P. (2006), “Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial”. *Análise Social*, vol. XLI, 179, pp. 417-433.
- Elliot, R. & Maguire, J. (2008). “Thinking outside of the box: exploring a conceptual synthesis for research in the area of athletic labor migration”. *Sociology of Sport Journal*, 25, pp. 482-497.
- Grupo de Trabalho (2011). *Seleções nacionais, jovens praticantes desportivos..* Presidência do Conselho de Ministros / Gabinete do Secretário de Estado do Desporto e Juventude.
- Magee, J. & Sugden, J. (2002). “The world at their feet. Professional football and international labor migration”. *Journal of Sport & Social Issues*, vol. 26, 4, pp. 421-437.
- Maguire, J. & Falcous, M. (2011). “Introduction. Borders, boundaries and crossings: sport, migration and identities”. In Maguire, J. e Falcous, M. (orgs.). *Sport and migration. Borders, boundaries and crossings*. Londres: Routledge, pp. 1-12.
- Maguire, J. (2004). “Sport labor migration research revisited”. *Journal of Sport & Social Issues*, vol. 28, nº4, pp. 477-482.
- Nolasco, C. (2010). “Migrantes de calções e chuteiras. Dinâmicas migratórias do futebol português”. *O Cabo dos Trabalhos: Revista Electrónica dos Programas de Mestrado e Doutoramento do CES/ FEUC/ FLUC*, nº 4 ([http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/pdf/16\\_Carlos\\_Nolasco.pdf](http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/pdf/16_Carlos_Nolasco.pdf)).
- Poli, R. & Besson, R. (2011). “From the south to Europe. A comparative analysis of African and Latin American football migration”. In Maguire, J. & Falcous, M. (orgs.), *Sport and migration. Borders, boundaries and crossings*. Londres: Routledge, pp. 15-30.
- Poli, R. et al (2009). *Annual Review of the European Football Players’ Labour Market*. Neuchâtel: CIES.
- Santos, A. (2004). “Eusébio, o processo de construção de um ícone da nação”, *Manifesto*, nº 6, pp: 80-91.
- Serrado, R. (2010), *História do Futebol Português. Das origens ao 25 de Abril*, Carcavelos: Prime Books.
- SJPF (2009). *Estudo 12: Utilização de Jogadores Portugueses e Estrangeiros na Liga Sagres e Liga Vitalis Época 2008/2009*. Lisboa: Sindicato dos Jogadores Profissionais de Futebol.
- Takahashi, Y. & Horne, J. (2004). “Japanese football players and the sport talent migration business”. In Manzenreiter, W. & Horne, J. (orgs.). *Football goes East: the business and culture of the people’s game in East Asia*. Londres: Routledge, pp. 69-86.
- Taylor, M. (2006). “Global players? Football, migration and globalization, c. 1930-2000”. *Historical Social Research*, vol. 31, nº 1, pp: 7-30.

---

<sup>i</sup> Comunicação efetuada no âmbito do trabalho de doutoramento “Migrações de Atletas Altamente Qualificados: a mobilidade de futebolistas na sociedade portuguesa”, apoiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (Referência: SFRH/BD/37762/2007).

<sup>ii</sup> Apesar de todas as polémicas, o talento de Siska como guarda-redes tornou-o num dos jogadores mais influentes do FC Porto e do futebol português, sendo alcunhado de “Meia-equipa”. O jogador ter-se-á sentido tão bem acolhido em Portugal que adoptou a nacionalidade portuguesa, mudando o primeiro nome para Miguel.

<sup>iii</sup> A partir da época de 1999/2000, altura em que o Campeonato Nacional da I Divisão passou a ser organizado pela Liga Portuguesa de Futebol Profissional (LPFP), a prova começou a ser referida como Liga e a ter a designação da entidade patrocinadora. Por exemplo, na época de 2010/11 a prova designava-se como Liga Zon Sagres.

<sup>iv</sup> [www.zerozero.pt/](http://www.zerozero.pt/). Este website dedica-se a compendiar informações sobre o universo futebolístico, nomeadamente sobre a constituição de equipas. É um website aberto em que os visitantes podem converter-se em colaboradores adicionando informações às já existentes. Não sendo uma fonte totalmente fidedigna, no cruzamento com outras fontes torna-se uma fonte de informação válida e importante.

<sup>v</sup> [www.lpfp.pt/](http://www.lpfp.pt/)

---

<sup>vi</sup> Importa assinalar que no período considerado o número de clube no Campeonato Nacional passou de 20 para 18 clubes, e posteriormente para 16. Verifica-se também um aumento do número médio de jogadores por equipa em virtude de imperativos competitivos e de uma maior mercantilização do futebol.

<sup>vii</sup> Confederação Brasileira de Futebol ([www.cbf.com.br](http://www.cbf.com.br), consulta em 2 de Agosto de 2010).

<sup>viii</sup> Declaração proferida aquando da condecoração dos jogadores portugueses que participaram no Campeonato do Mundo de Futebol Sub-20 na Colômbia. Diário de Notícias, 6 de setembro de 2011.